

O CORPORATIVISMO ITALIANO VISTO POR UM PORTUGUÊS

Pode compreender-se com quanto prazer registamos que o último livro de carácter corporativo publicado em Portugal (e trata-se de um volume de boas trezentas páginas) é inteiramente dedicado à nossa organização do trabalho. O autor é um jovem estudioso, António de Castro Fernandes. Este livro alcançou um certo sucesso e merece-o por várias razões; além de trazer uma valiosa contribuição a uma literatura que não é rica nessa matéria, vale pelas suas qualidades intrínsecas de clareza, precisão e objectividade. Não são inconsistentes discussões críticas, é uma exposição honesta, quási sem comentários. «Será notado — disse o autor no prefácio — o carácter essencialmente objectivo, fotográfico deste trabalho».

Ser fotografada com boa-fé: a Itália de hoje não tem necessidade de pedir mais, nem de desejar melhor.

O que dá o tom ao volume e faz dele qualquer coisa mais que uma ótima colectânea de documentos, é o facto de ter nascido, não de um estudo abstracto, mas de uma experiência directa. Com efeito representa o fruto de uma permanência de cinco meses em Itália, em contacto com a nossa organização do trabalho. Como é natural, o autor

encontrou entre nós todas as portas abertas, foi-lhe possível interrogar organizadores e organizados, assistir a reuniões e até prestar serviço junto de repartições sindicais do centro e da periferia. Daqui nasceu o livro: *fruto natural*. «No limiar da Itália escovei-me conscienciosamente de toda a poeira que pela leitura se fôra acumulando no meu espírito. Sem parti-pris de escola ou de tendência, olhei em volta. Sem limitações a restringir-me a curiosidade caminhei através. Conversei com o político, com o homem de acção, com o intelectual, com o trabalhador humilde, com o homem que passava indiferente a sistemas, preocupado apenas com a realidade do seu mundo e da sua vida. Visitei as instituições, examinei o mecanismo dos órgãos, frequentei os estados maiores da organização e os pequenos núcleos da vida associativa. Procurei observar com cuidado e interroguei sem me preocupar com o melindre de certas perguntas?...

O volume está dividido em duas partes, na primeira, com o título de «Organização sindical», o autor, depois de ter tratado em síntese da evolução histórica do sindicalismo italiano desde o século passado até 1926, dedica alguns capítulos à primeira fase da organização fascista, à Carta do Trabalho e à organização sindical depois da lei corporativa de 1934. Em seguida passa a tratar separadamente das oito confederações, a cada uma das quais dedica um estudo que compreende os organismos centrais e periféricos, as contribuições e toda a sua variada actividade. Para completar o quadro fala ainda minuciosamente do Instituto Nacional Fascista das Corporações e de todos os institutos que tem encargos de assistência, previdência, instrução e colocação. A segunda parte, sob o título «Organização Corporativa» compreende estudos sobre o Conselho Nacional das Corporações, sobre o Ministério relativo, sobre o inspectorado corporativo, os conselhos de provincia e as corporações propriamente ditas, (desde os trabalhos preparatórios até ao seu funcionamento). Os dois capítulos finais

são dedicados ao Partido e à síntese do que é o estado fascista.

Toda esta enorme matéria não é somente enunciada e comentada, é minuciosa e diligentemente descrita, verificada pela observação directa, exposta com o auxilio de documentos officiais e officiosos, de gráficos e de mapas. O comentário pessoal quasi não existe, aflora somente em poucos casos, quando a matéria a isso obriga. É então inesperadamente vibrante, como na altura em que o autor escreve: «Na União Provincial de Littoria assistimos a algumas consultas e falámos demoradamente com a assistente social.

O que desde inicio nos surpreende, é o sólido conhecimento dos assuntos sociais que possuem estas senhoras e apar dêsse conhecimento a noção muito exacta das realidades humanas em toda a sua beleza e em toda a sua fealdade. No trato directo com os operários há, acima de tudo, além de um grande carinho que nada tem de demagógico, uma simplicidade, uma maneira humana e cristã primeiro em ouvir, depois em aconselhar.»

Ou ainda quando diz, depois de ter brevemente descrito o Instituto Forlanini: «É um, bem pequeno mundo maravilhosamente apetrechado para a luta contra a tuberculose. Para resumirmos as nossas impressões diremos que estamos convencidos que nenhum milionário dispõe de tantos meios de defesa contra a doença como qualquer dos humildes internados no Instituto Forlanini.»

E em outros casos (pouco numerosos, como já foi dito) o comentário é interessante e cheio de agudeza: «A propósito de reuniões, devemos dizer que, tendo-nos sido concedido assistir a uma reunião de um sindicato provincial de trabalhadores, podemos assegurar que a liberdade de critica no sentido construtivo da palavra, é a mais ampla e completa.

«Também porque vimos podemos afirmar, que na organização dos trabalhadores, a acção sindical é cheia de acção,

de intensidade, de permanente construção. Não queremos por outro lado deixar de dizer que, pelo menos no sector patronal, a posição é diferente — menos ritmo, talvez menos interesse, certamente menor compreensão. São os dois elementos da organização: o estático e o dinâmico, que se completam e equilibram.»

Igualmente quando comenta a presença do Partido em toda a organização corporativa e refere as costumadas perguntas: se ele aí representa o interesse geral, o dos consumidores. «A razão não é pois essa — ou melhor, a razão não é só essa. O Partido representa a própria Revolução, nas suas aspirações, na sua ânsia de perfeição, no seu dinamismo. A burocratização do sistema é perigo que constantemente é pôsto em evidência, que preocupa sobremaneira os dirigentes. O Partido, elemento vivo do fascismo, mais do que o interesse do consumidor, mais do que o interesse geral representa nos conselhos corporativos o pensamento da Revolução, a própria Revolução.»

As quatro citações feitas pertencem aos únicos passos em que há comentário, na longa exposição dedicada à organização sindical corporativa italiana. Tudo é pura e fielmente expositivo. O autor não aparece nunca em primeiro plano, nem sequer em segundo e esconde-se atrás da objectiva, atento somente a fotografar. O livro é feito tal qual se comporia um documentário.

Há porém a necessidade de umas páginas de introdução. E aqui, juntamente com algumas observações penetrantes (como a de que a revolução fascista corporativa é a primeira síntese do «pensamento moderno negação revolucionária de 1889», herdeira e ao mesmo tempo contraditória da democracia) temos prazer em sublinhar a seguinte conclusão: «O fascismo na construção do seu tipo humano, tem sobretudo em conta os valores que transcendem o âmbito do governo da razão. A construção da sua realidade humana, do seu tipo humano, assenta num estudo integral e totalitário da realidade complexa que é o individuo. O Fascismo

reivindica a essência universal do homem e da sua personalidade querendo que ele seja considerado como o centro da vida e da História. O homem do fascismo não é o homo politicus, não é o homo oeconomicus, é o homo novus, o homem vivo.»

Parece-nos que isto basta para demonstrar que, Castro Fernandes, não só soube fotografar a realidade como penetrar o espírito que a anima. E é para nós motivo de uma particular satisfação o facto de este livro nos vir de um país que está por sua vez empenhado num esforço de renovação construtiva.

ALDO BIZZARRI